

Economia *Brasil*

O excedente de caixa das empresas já não é aplicado em ouro ou estocagem de matérias-primas: os surtos de aquecimento da demanda tornaram atraente investir no desenvolvimento do próprio negócio.

A própria crise indica a saída: investir.

Manuela Rios

O que fazer para impedir que o excedente de caixa evapore no caldeirão da inflação: comprar ouro, estocar matérias-primas ou investir na própria empresa? Em qualquer país com um horizonte econômico carregado de tempestades e à espera de eleições presidenciais para iluminar o cenário político, as duas primeiras opções seriam muito atraentes. Mas no Brasil, surpreendentemente, é a própria crise institucional, aliada aos inesperados surtos de aquecimento de demanda deste ano, que começa a tornar sedutora a alternativa de aplicar no próprio negócio.

Movidas pelos riscos de excesso de liquidez na economia — somente no **overnight** giram diariamente cerca de NCz\$ 200 bilhões — e pela ameaça de colapso na capacidade de produção, boa parte das empresas partiu, nos últimos meses, para investimentos na expansão da produção, melhoria de produtividade, diversificação de produtos e aquisição de outras empresas.

“Se todos começarem a pensar apenas na sobrevivência do dia-a-dia, não vamos nos afogar agora, mas ficaremos muito longe da praia”, pondera Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia no Brasil. A diretoria da empresa ainda estuda as prioridades de aplicação dos US\$ 2 bilhões aprovados em 22 de setembro pelo comitê executivo da matriz Rhône-Poulenc. A rota, contudo, já está traçada: novas fábricas e expansão e modernização das já existentes, seguindo a ambição de crescer mais rapidamente e a estratégia de evitar a dependência do mercado interno brasileiro.

O grupo Votorantim, por sua vez, investirá US\$ 1,5 bilhão — 40% dos quais em novos equipamentos — até 1991, entre a diversificação de atividades (suco de laranja e papel e celulose) e ampliação da produção de alumínio, zinco, cimento, aço, níquel e petroquímicos. “É preciso esquecer o governo e começar a trabalhar, porque o Brasil é viável”, reza a cartilha de Antônio Ermírio de Moraes, diretor superintendente do conglomerado.



Antônio Ermírio de Moraes (esq.) e Édson Musa: a hora é de crescimento.

Para a maior parte das empresas, contudo, a pressão vem mesmo da demanda e dos excedentes de caixa, garante Márcio Orlandi, sócio-diretor da consultoria Arthur Andersen. Coordenador de uma pesquisa trimestral sobre a saúde financeira das empresas privadas, Orlandi ainda não terminou de compilar os 191 demonstrativos financeiros do período julho-setembro que recebeu.

Mas suas observações preliminares sobre os números apontam que o envolvimento continua em queda livre e a rentabilidade em alta — a própria pressão da demanda permitiu às companhias a prática de preços mais elevados e a imposição de condições mais severas aos clientes. “A liquidez aumentou muito no terceiro trimestre e sua administração transformou-se em verdadeira agonia. Não dá para colocar todo o dinheiro no **over**”, deduz o consultor.

Em sua opinião, ainda não há clima confiável e seguro para grandes investimentos. Um parecer compartilhado por Roberto Caiuby Vidigal, da Confab, para quem, a longo prazo, independentemente de uma eventual vitória de Lula ou Brizola, todos têm planos. “Mas, no momento, com exceção dos setores petroquímico e

de papel e celulose, os investimentos são de pequeno porte”, assegura.

Mesmo um setor parado há alguns anos, como o têxtil, exhibe hoje investimentos como o de US\$ 200 milhões que a Fibra, do grupo Vicunha, aplicará nos próximos três anos na compra de equipamentos para a transformação de fios sintéticos em produtos semelhantes ao algodão e à seda.

Outro porto para os excedentes de caixa tem sido a aquisição de empresas: somente em 88, a Votorantim, por exemplo, adquiriu a usina de ferro-gusa Vetorial e a Celpag de papel e celulose, além de assumir o controle total da Morro Agudo. Este ano, entre os variados negócios dentro do ramo alimentício, a Perdigão comprou em setembro, por US\$ 70 milhões, as instalações da Swift em Utinga e se prepara agora para aumentar em 120% as exportações de 1.500 toneladas/mês de cortes nobres de frango para o Japão.

Sinais desse tipo fazem o consultor Márcio Orlandi prever para 1990 uma atividade econômica mais forte que a de 1989. Exatamente o contrário, aliás, do que imagina Caiuby Vidigal, para quem nenhum governo sério que assuma em março deixará de promover uma recessão.